

# Populações tradicionais e conservação da biodiversidade na Floresta Nacional do Tapajós

## Aspectos históricos:

FLONA Tapajós (1974): política de proteção ambiental no Brasil;

Localização: Rio Tapajós e BR 163: 650 mil hectares, 25 comunidades, 1.500 famílias, 04 mil pessoas;

Conflito com o Estado (IBDF);

SNUC (2000): categorias de UC que prevê a permanência dos povos tradicionais;

Primeira UC do Brasil a incorporar manejo e uso sustentável;

Primeira a instituir o Conselho Consultivo e Deliberativo;

# Conservar ou Preservar: premissas de um falso dilema

Natureza apartada da cultura: imaginário do ocidental sobre o novo mundo (Philippe Descola ,1999);;

Paraíso perdido :natureza tropical (*alteridade exótica*); ameríndios (humano submetido aos decretos da natureza) (BUARQUE, 2000);

Fundações da cosmologia ocidental: referenciam práticas de proteção ambiental ;

Primeiras formulações do isolamento do mundo natural para fins de proteção: “natureza selvagem e intocada” (*wilderness*) - Século XIX;

*Natureza selvagem intocada*: expõe a rivalidade entre os postulados preservacionistas e conservacionistas (LARRÈRE; LARRÈRE, 1997);

Conservacionismo e preservacionismo tomam as populações tradicionais como entraves a conservação da biodiversidade;

Contradição do campo socioambiental: negação/afirmação do dualismo.

# Dissensões no campo da conservação

Mútuo reforço entre diversidade cultural e biológica:

- a) Modos de vida tradicionais colaboraram para a conservação e diversificação biodiversidade (PRIMACH; RODRIGUES, 2001);
- b) Biodiversidade participa da diversidade cultural: plantas, animais e paisagem correspondem a uma variedade linguística, categorias de conhecimento, usos práticos e sentidos religiosos (TOLEDO, 1988);

Edward Wilson (2008): conservacionismo naturalista;

“Mas o que é a natureza? A resposta mais simples possível é também a melhor: a Natureza é aquela parte do ambiente original e de suas formas de vida que permanece depois do impacto humano. Natureza é tudo aquilo no planeta Terra que não necessita de nós e pode existir por si só” (p. 23).

## Perspectiva da Ecologia Política

Mercantilização da natureza X Defesa de uma natureza apartada do humano  
: Manifesto político (Serge Moscovici, 2010):

Natureza como causa política: nos inclina a reconhecer a condição biofísica como aquilo nos fundamenta e não como o que nos desqualifica;

O oposicionismo cai no vazio quando se considera as porções de terra onde a biodiversidade foi protegida em função da presença humana;

Dualidade não encontra *correspondência* na realidade concreta;

Dilema teórico:

Relativismo pós-moderno: falsa dicotomia - realidade objetiva da natureza;

Dualismo opera uma cisão: natureza com o homem - natureza sem o homem;

Espécie humana como força geofísica impõe simplificações ao mundo vivo.

## Perspectiva da Ecologia Política

Ernst Mayer (2008): o biólogo moderno sabe demais para querer reviver a velha polarização. Sabe que os traços humanos decorrem da interação entre as heranças genética e cultural.

Deve considerar, portanto, as interações com o ambiente, incluindo as diversas práticas de manejo ;

É no campo desse dilema conceitual que a conservação na FLONA Tapajós deve ser analisada:

[...] As reservas extrativistas são estabelecidas para beneficiar certas populações, ditas tradicionais, em detrimento do bem-estar de outros. O Estado fornece enormes áreas a pequenos grupos humanos, para que eles façam, com caráter exclusivo, sua exploração pretensamente “sustentável”. Mas os extrativistas fazem chácaras, criam gado, exploram borracha que vendem a preços subvencionados, assim como castanha e outras plantas, pescam e caçam, pois podem fazê-lo à vontade e alguns até estabelecem piscicultura ou cada vez mais praticam exploração florestal. Também se constroem nesses locais estradas, postos médicos, escolas e recebem assistência técnica gratuita. Reserva Extrativista não passa de um instrumento de reforma agrária. Em assim sendo, não deveria ser considerada uma unidade de conservação (PADUA, 2011, p. 27).

# Estratégias de gestão da biodiversidade na FLONA Tapajós

*Restrições: roçado/farinha; manejo de madeireiro e não madeireiro;*

*PROMANEJO: conter avanço do desmatamento e da exploração predatória;*

*“Aumentar/regularizar as áreas de manejo florestal para combater desmatamento”  
(B. M.).*

*Manejo sustentável em larga escala e com baixo impacto dentro de FLONAS  
(Portaria 40): Experiência piloto na FLONA Tapajós;*

*Por que nas unidades de conservação se a exploração predatória se dá fora delas?*

*COOMFLONA: canalizar o manejo comunitário para geração de renda;*

*COOMFLONA: empresarial; manejo florestal; empregabilidade; regras rígidas ;*

*“O não madeireiro não é rentável e não existem experiências consolidadas. Novo conceito: manejo comunitário em larga escala” (Engenheiro).*

*Desconsideram-se as experiências de manejo comunitário já consolidadas;*

*Disputas; abandono das práticas; individualização da sobrevivência;  
comprometimento da organização comunitária e dos laços de solidariedade;*

# Estratégias de gestão da biodiversidade na FLONA Tapajós

*Bolsa verde: combater a pobreza em áreas rurais, incentivar a conservação ambiental, mitigar o desmatamento e a degradação (PSA);*

Quais riscos os pobres representam à biodiversidade em comparação à produção extensiva?

Justiça ambiental e ecologismo dos pobres. Os pobres são pobres demais para serem verdes? (Martinez Alier, 2010).

A noção de pobreza extrema se aplica às populações locais da FLONA?

“[...] a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada” (Sonia Rocha, 2006);

Aspectos contextuais e renda per capita familiar: nutrição adequada e acesso a bens;

Caso da FLONA Tapajós: transferência de renda X políticas públicas; recursos abundantes e precárias condições para o usufruto;

Efeitos: cerceamento do direito ao uso dos recursos; desbotamento dos modos de vida tradicionais; comprometimento das relações comunitárias (pertença e solidariedade);

*Questão a ser cuidadosamente analisada. Noção de comunidade/comunitarização que implica: percepção subjetiva de um destino comum e de ações orientadas para esse sentimento, nas relações recíprocas e em face ao mundo circundante (M. Weber).*

# Dialogos entre os saberes tradicionais e o conhecimento científico

Saberes tradicionais e conhecimentos científicos: lógicas distintas ou rivais?

“É preciso perder a selva para ganhar conhecimento sobre ela” (B. Latour, 1999);

Ciência (níveis inferiores): abstrações que permite conhecer os processos vivo (Latour, 1999);

Saberes tradicionais: operam na superfície das relações ecológicas entre humanos e não humanos;

O referente que liga o *mundo* e a *palavra mundo: realidade concreta* (Freire, 1996);

## Lógicas distintas, mas não hierarquizadas:

Zoneamento científico: a partir de categorias e pesquisas empíricas define marcações que organizam formas de uso, ocupação e gestão;

Zoneamento vivido: a partir da validação empírica e cotidiana definem marcações que organizam o espaço comum onde se vive;

Uma que reivindica validade universal; outra cuja validade é local;



## **Embora distintas, existem pontes de ligação entre essas racionalidades? (Manuela Carneiro, 2007).**

Saberes tradicionais como patrimônio exótico: ignoram-se seus processos de investigação; acervos; protocolos, modos de fazer (Carneiro, 2007).

Ponte de ligação: ambas são formas de entender e agir sobre o mundo; ambas são inacabadas (Carneiro, 2007);

Evans-Pritchard (1930): não são operações lógicas distintas. A diferença está nas premissas ontologias e nos protocolos de verificação;

Lévi-Straus (1960): diferença está nos níveis estratégicos: categorias perceptuais de segunda ordem (cheiro, cores, sabores, odores) X unidades conceituais;

Humanos e não humanos: domínios ontológicos distintos X diferenças de grau e não de natureza;

Manejo em larga escala X manejo comunitário; zoneamento científico X vivido;

Revolução Beckeriana para a biodiversidade brasileira (Charles Clement);

# Qual a contribuição do método da interação?

- a) Rejeição da redução da ciência à tecnociência;
- b) A constatação de que toda prática científica veicula determinados valores;
- c) Princípio da imparcialidade: um conhecimento é corretamente aceito se manifestar valores cognitivos em alto grau, consistentes com dados empíricos, e não em função dos valores sociais que veicula;
- d) Necessidade de pesquisa baseadas em estratégias sensíveis ao contexto, que atestem a pertinência dos saberes populares para a conservação da biodiversidade;
- e) Práticas e pesquisas voltadas à conservação mediante complementaridade metodológica.

(Hugh Lacey, 2012; 2010; 2008; 2006);

## Quais desafios?

- a) Formas criativas de cooperação entre a ciência e os saberes tradicionais;
- b) Meios institucionais para preservar a vitalidade dos saberes tradicionais;
- c) O reconhecer do *status* científico dos saberes tradicionais é um caminho viável? Quais seriam suas possíveis implicações?